

## **Variação linguística nas aulas de língua portuguesa: uma abordagem acerca da eficiência da aplicabilidade dos PCN**

Izete de Souza LIMA<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este trabalho foi realizado a partir de questionamentos em relação à visão dos professores ao que diz respeito a propostas dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa em relação à Variação Linguística. Buscamos identificar os fatos que impossibilitam a não aplicabilidade dessas propostas, já que as mesmas são norteadoras do ensino. Segundo Santos (2005), as propostas dos PCN são muito criticadas, muitas vezes essas críticas são feitas por pessoas que não os conhecem, contribuindo para que os professores atribuam a não aplicabilidade a fatores externos. Conhecendo essa realidade, buscamos, neste trabalho, mostrar através da implantação de um questionário a opinião dos professores em relação a este documento, mais especificamente ao que diz respeito à Variação Linguística. Com a aplicação dos questionários percebemos o conhecimento dos professores em relação às propostas dos PCN, no entanto, acreditamos que apesar de mostrarem-se conhecedores das mesmas, muitos professores não as põem em prática ou até mesmo, confundem as propostas e deixam de lado o verdadeiro objetivo das aulas de Língua Portuguesa, que é fazer com que o aluno seja capaz de se comunicar com as diversas variedades da língua portuguesa a depender do contexto.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Aplicabilidade. Ensino.

### **Introdução**

A variação linguística é uma realidade presente na sociedade, assim, observando os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e sua proposta a respeito da variação, este artigo objetiva realizar uma pesquisa que demonstre como a variação é vista e entendida no contexto escolar.

A teoria da Variação ou Sociolinguística teve início na década de sessenta a partir das propostas de Weinreich, Labov e Herzog (1968), que tinha por objetivo descrever a Língua e seus determinantes sociais e linguísticos, levando em conta seu uso variável.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pelo PROLING (UFPB). Tutora do curso de Letras oferecido pela UFPB Virtual; especialista em Língua portuguesa PROLING (UFPB). E-mail: izete.lima@hotmail.com.

Para a Teoria da Variação a língua é vista como instrumento de comunicação usado por falantes da comunidade, num sistema de associação comumente aceito entre formas arbitrárias e seus significados.

Em relação à variação linguística, a proposta trazida pelos PCN de Língua Portuguesa é respeitar a linguagem do aluno. É importante que o professor entenda que quando o falante nativo entra na escola já traz um saber de sua língua, mesmo não sendo a forma culta da mesma, essa o possibilita a comunicação.

No seu livro “Muito além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho”, Irandé Antunes questiona o ensino da gramática normativa, aquela que prescreve o bem falar. Segundo Antunes,

[...] a língua não pode ser vista tão simplesmente, como uma questão de *certo e errado*, ou como um conjunto de palavras que pertencem à determinada classe e que se juntam para formar frases, à volta de um sujeito e de um predicado. A língua é muito mais que isso. É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica e social. (ANTUNES, 2006, p. 22, grifo da autora)

Observando a realidade em que o aluno está inserido, a proposta do PCN é favorecer um ambiente escolar em que a variação linguística seja respeitada e o ensino possa ser pautado na reflexão, para que o aluno seja capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras.

Logo, a proposta de respeitar a variável linguística do aluno não deseja abolir o ensino da gramática normativa, mas sim, deseja cultivar o respeito a essas variáveis. É de extrema importância que o professor de Língua Portuguesa ensine ao aluno a gramática normativa, pois a função da escola é propiciar ao aluno o contato com essa norma culta, no entanto, o professor não deve desrespeitar o aluno e sua identidade cultural, assim, a escola tem como objetivo cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação. Dessa forma, segundo os PCN, ela não deve tratar as variedades linguísticas como desvios ou incorreções. Segundo os PCN:

[...] é importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da

consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (BRASIL, 1988, p. 82)

Algumas propostas que permitem explorar as questões de variações são lançadas pelos PCN, como transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete; edição de textos orais para apresentação em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a fala e a escrita; análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas; música popular, romances e poemas; levantamento das marcas de variação linguística ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes.

Sabendo que os PCN constituem um referencial de qualidade para a educação em todo o País e sua função é garantir a padronização da educação, socializando discussões referentes à educação, nossa proposta é avaliar como as questões acerca da variação linguística são abordadas e como as escolas recebem essas propostas. Santos (2005) afirma que muitos professores desconhecem as linhas que norteiam os PCN, fato que propicia a má interpretação do mesmo.

[...] muitos profissionais de educação desconhecem os pressupostos teóricos que norteiam essas linhas e podem tirar conclusões precipitadas das ideias contidas nos PCN. Por exemplo, é frequente, entre professores de língua portuguesa desatualizados, a concepção de que valorizar a variação linguística significa aceitar tudo que o aluno produz, considerar tudo certo, não ensinar gramática e deixar o aluno no mesmo ponto em que estava antes de entrar na escola. (SANTOS, 2005, p. 177)

O desconhecimento das propostas trazidas pelos PCN não permite que os professores reflitam sobre o tema proposto, propiciando a não aplicação das orientações contidas no documento. Como também, a falta de conhecimento acerca da Teoria da Variação não permite que os professores de língua portuguesa ponham em prática as propostas trazidas pelos PCN

Assim, este trabalho procurou investigar através de pesquisas realizadas com professores de Língua Portuguesa se a proposta dos PCN acerca da variação linguística

é entendida e colocada em prática no meio escolar. Neste artigo, buscamos reconhecer a realidade do professor de língua portuguesa ao que se refere o conhecimento dos PCN.

## **1. Fundamentação Teórica**

### 1.1 Variação Linguística e Ensino

Concebendo a língua como dinâmica, a Teoria da Variação linguística possui um modelo teórico metodológico que busca a ordenação da heterogeneidade e considera a variação inerente ao sistema lingüístico, sistemática, regular e ordenada.

Desenvolvida a partir da proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968), seu objetivo é descrever a Língua e seus determinantes sociais e lingüísticos. Os variacionistas partem do pressuposto que as mudanças ocorridas na língua são ordenadas e condicionadas por fatores sociais e lingüísticos.

Os estruturalistas e os gerativistas não consideravam os aspectos variáveis inerentes a Língua, ambos centravam-se na Língua enquanto sistemas de signos bem definidos, hierarquizados. Só com o advento da Teoria da Variação é que tais aspectos foram observados, tornando-se objeto da proposta variacionista.

No campo da educação os conceitos de variação são de extrema importância, pois os mesmos irão possibilitar uma aprendizagem mais tranquila e sem preconceitos.

A sociolingüística desde seu nascimento demonstrou preocupação com as questões educativas. Suas primeiras manifestações a esse respeito podem ser encontradas no empenho dos estudiosos em refutar o chamado preconceito lingüístico e em recomendar que a língua efetivamente usada nas comunidades de fala fosse considerada na pedagogia de língua materna.

De acordo com Martins (2007), o que ocorre é que a função da escola no processo de aquisição da linguagem, não é ensinar o vernáculo, pois este os alunos já trazem consigo ao iniciar sua escolarização. A função da escola é desenvolver outras atividades que se sobreporão a esse vernáculo básico, ou seja, estilos mais formais da língua.

Logo, a realidade encontrada nas escolas mostra favorecimento da língua culta, ou língua padrão, sem respeitar a variedade lingüística dos alunos. Fato que pode ter como consequência o bloqueio da expressividade oral e escrita dentro da escola.

Para Antunes, a visão de língua está muito atrelada à concepção de gramática, logo, conhecer uma língua é dominar a sua gramática. Daí os alunos de língua portuguesa abominar essa disciplina, que tem como objetivo, o estudo da língua materna. Alguns professores de Língua Portuguesa pensam que ensinar a língua portuguesa é ensinar a gramática normativa. Para Antunes língua e gramática são coisas totalmente diferentes.

[...] a língua apresenta mais de um componente (léxico e gramática), e seu uso está sujeito a diferentes tipos de regras e normas (regras textuais e normas sociais de atuação). Restringir-se, pois, à sua gramática é limitar-se a um de seus componentes apenas. É perder de vista sua totalidade e, portanto, falsear a compreensão de suas múltiplas determinações. (ANTUNES, 2007, p. 41)

A escola privilegia a gramática, esquecendo a diversidade lingüística que a gramática não consegue dá conta. Assim, a norma culta é utilizada e colocada em um pedestal, como intocável. No entanto, esta se encontra totalmente fora da realidade discursiva do aluno, fazendo com que muitas vezes eles se perguntem: O que eu estudo é realmente português? Estou estudando outra língua?

Segundo Cyranka e Roncarati (2008), em estudos realizados a respeito das crenças de professores e alunos de português em uma cidade de Minas Gerais, alguns professores se mostram presos a várias crenças, entre elas a de que é preciso corrigir a fala do aluno, de que os analfabetos falam errado e de que sem saber gramática não se pode aprender a escrever. Diante dessa realidade, elas concluem que, dessa forma as variedades lingüísticas de seus alunos são desfavoráveis, colaborando para que eles não acreditem em sua própria capacidade de se expressar com competência.

Mollica (1998) discute aspectos que envolvem uma metodologia mais eficaz do ensino do português como língua materna, que considera exclusivamente a heterogeneidade da língua e se fundamenta em descrições sociolingüísticas, tipicamente variacionista, das modalidades oral e escrita.

É comum professores de língua portuguesa não respeitarem as variedades lingüísticas dos alunos, taxando como *erro* uma determinada expressão que não faz

parte da norma culta. Ou então, não compreenderem que aceitando a variação a escola não deve abandonar a linguagem culta, pois esta também faz parte da realidade social do cidadão.

Segundo Santos (2005), muitos profissionais desconhecem os pressupostos teóricos que norteiam as propostas dos PCN, fato que ocasiona a má interpretação do documento. É comum muitos professores aceitando tudo que o aluno produz, não apresentando a variedade culta da língua, assim, o aluno sai da escola do mesmo jeito que entrou, conhecendo apenas uma variedade.

Geraldi (1987) aponta a necessidade do professor de língua portuguesa apresentar o dialeto padrão, pois o conhecimento do mesmo é imprescindível para romper os bloqueios que o mesmo impõe.

[...] me parece que cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de outra forma de falar, o dialeto padrão, sem que isto signifique depreciação da forma de falar predominantemente em sua família, em seu grupo social etc. isto porque é preciso romper o bloqueio de acesso ao poder e a linguagem é um de seus caminhos. Se ela serve para bloquear- e disso ninguém dúvida- também serve para romper o bloqueio. (GERALDI, 1987, p.46)

Logo, não podemos negar o ensino da norma padrão é função da escola como afirma Martins (2007), no entanto para isso não é preciso depreciar a linguagem trazida pelos alunos. A proposta do PCN segue essa linha, logo se faz necessário ao professor o conhecimento minucioso desse documento das teorias que o norteia.

## **2. Metodologia**

Conhecendo a realidade teoricamente por meio de textos de autores comprometido com a educação, como também, conhecendo a proposta dos PCN de Língua Portuguesa no que diz respeito à variação linguística, construímos um questionário com questões que atendessem o nosso objetivo de analisar os motivos da não aplicabilidade das propostas dos PCN no que compete a variação linguística. Assim, esse questionário contou com questões referentes ao ano da formação do professor, o tempo em que leciona a disciplina, se a instituição é pública ou privada, se no curso o professor(a) cursou disciplinas de linguística, se o professor(a) conhecia as

propostas dos PCN, a opinião dele(a) à respeito de como o tema da Variação Linguística deve ser abordada em sala de aula; entre outras questões relevantes para a nossa pesquisa.

A distribuição dos questionários aos professores foi realizada da seguinte forma:

Distribuimos os questionários para 5 professores de escolas diferentes, entre eles três trabalham em escolas públicas e dois em escolas privadas. Acreditamos que através da análise dos questionários será possível entendermos como os professores lidam com as propostas dos PCN e se não lidam o porquê da rejeição das propostas do mesmo.

### **3. Resultado e discussão**

Entendemos que muitas vezes a não aplicabilidade das propostas dos PCN ocorre pela falta de conhecimento das mesmas. Muitas vezes nos cursos de Letras essas propostas não são discutidas. Além disso, muitos professores não conhecem as teorias que norteiam os Parâmetros, ou seja, os professores leem os PCN, mas não entendem, pois não conhecem as teorias que o mesmo aborda, temos como exemplo desse fato o desconhecimento de teorias como o da própria Variação Linguística. Segundo Santos (2005), este fato acontece pela falta de atualização dos professores e até mesmo a qualidade questionável das faculdades.

Assim, para comprovarmos ou não essa hipótese identificaremos os nossos professores pelo ano em que terminou o seu curso e se fez ou não especialização.

Em relação ao conhecimento dos PCN todos os professores mostraram-se conhecedores do mesmo e ressaltaram a sua importância.

*Sim! De valor significativo, pois possibilita ao professor possibilidade de trabalhar com diversas disciplinas ao mesmo tempo. Assim, em pouco espaço de tempo é possível um trabalho bastante significativo.*

*Professor 2005, sem especialização*

*Sim conheço, fiz inclusive um trabalho no curso de especialização. Penso que seja um documento muito importante, muito válido por suas propostas inovadoras e outras nem tão inovadoras assim, mas que se aplicadas resulta num bom trabalho entre educando e educador. Mas foram identificados vários problemas que acabam impedindo a eficiência completa, em algum ponto do sistema ocorre o bloqueio da passagem para o êxito do projeto PCN.*

*Professor 2004, com especialização*

*Conheço algumas. Se as propostas que estão escritas fossem de fato coladas em prática, com certeza o ensino de Língua Portuguesa daria um grande passo para formar além de leitores cidadãos críticos.*

*Professor 2009, com especialização*

Percebemos que os professores mais atualizados mostraram-se com o entendimento mais apurado em relação ao conhecimento dos PCN, já que a resposta do professor sem especialização ficou muito subjetiva, fato que o faz partir para a interdisciplinaridade proposta por esse documento, não questionando a sua eficácia. Ao contrário dos outros professores que possuem uma especialização que mostraram uma resposta mais questionadora em relação ao documento. Um deles ressalta que algumas das propostas dos PCN não são tão inovadoras. Com razão, alguns teóricos como Orlandi (1985), Geraldi (1993), Faraco (1994), Câmara Jr (1983), apenas para citar, que são temas das aulas e debates na academia, estão presentes nas propostas trazidas pelos Parâmetros. Os professores também discutem a questão da não aplicabilidade. Segundo Santos (2005), os fatores que mais influenciam para não aplicabilidade dos PCN são externos, como salários dos professores, excesso de trabalho, turmas cheias, alunos desinteressados, entre outros. Ou seja, muitas vezes não estão em jogo as propostas propriamente ditas.

Para Santos (2005), o que impede a aplicabilidade ou até mesmo conclusões precipitadas e errôneas em relação ao mesmo é o desconhecimento dos pressupostos teóricos que norteiam o documento, como já mencionamos antes. Assim, perguntamos aos professores se eles conheciam e o que entendiam da teoria da Variação Linguística e como eles abordam esse tema em sala de aula.

*São as maneiras de expressão do aluno, as formas de comunicação e interação usadas por eles para exercer o processo comunicativo entre seus pares. A abordagem deve ser feita partindo de exemplos do cotidiano do educando, de suas interrelações, ou seja, do processo comunicativo diário e constante.*

*Professor 2004, sem especialização*

*Pessoas diferentes, culturas diferentes que já traz para a sala de aula um conhecimento de mundo de acordo com a família e comunidade em que vivem. O professor deve abordar de forma que não menospreze uma ou outra variação linguística, mostrando que há diferentes formas de falar e que nenhuma é certa ou errada vai depender de como e onde deve ser usada.*

*Professor 2009, com especialização*

*São as diversas formas de se trabalhar a língua. O professor deve considerar a realidade de seus alunos e a heterogeneidade linguística da sala de aula como um todo.*

*Professor 2008, mestranda*

As respostas dos professores mostram que os mesmos possuem um conhecimento em relação à Variação Linguística. No entanto, muito mais que conhecer é necessário saber o posicionamento dos professores no que diz respeito à proposta do PCN em relação à Variação Linguística. Perguntamos se os professores concordavam com a proposta dos PCN em relação a esse tema.

*Sim! A partir desse posicionamento o professor é o orientador desse processo por encontrar em um contexto social diferentes níveis de fala e assim separá-los por gêneros sociais distintos, porque a partir deste contexto em que habita esse ser existe as gramáticas internalizadas.*

*Professor 2005, sem especialização*

*As variações devem ser respeitadas, porém, o educando deve se apropriar da norma padrão, tendo ela com referência no aprendizado, e sabendo diferenciar as maneiras, ambientes e usos de cada variação.*

*Professor 2004, sem especialização*

O posicionamento dos professores mostrou-se favorável as propostas dos PCN em relação à Variação Linguística. A posição dos professores entrevistados foi bastante considerável, eles concordam, é importante respeitar as variedades linguísticas do aluno, ou seja, respeitar o que o aluno possui. Mas ao mesmo tempo eles ressaltam a importância do professor ensinar a norma culta. Na atualidade, encontramos uma grande confusão em relação a esse tema, muitos professores achando que estão seguindo as propostas dos PCN consideram tudo que o aluno produz, deixando-os no mesmo nível em que chegaram.

Respeitar sim, mas o professor deve ensinar a variedade culta, pois a escola tem como função preparar o indivíduo para a vida em sociedade. O professor deve trabalhar com as variedades da língua, tanto no registro oral como no escrito, no entanto, é importante que o mesmo ensine a norma culta, pois a função da escola não é ensinar a variedade que o aluno já conhece, mas sim ensinar a variedade culta para que o aluno aprenda a utilizá-la quando necessário.

A proposta dos PCN não é abolir a norma culta, mas sim implantar o respeito às variadas formas de falar. Além disso, os PCN tem como objetivo propiciar aos professores orientação para a formação de cidadãos críticos, capazes de utilizar as diversas variantes de uma mesma língua a depender da situação discursiva. Para Travaglia (2000) o objetivo do ensino de Língua Materna é prioritariamente desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua, fazendo com que os mesmos sejam capazes de empregar adequadamente a língua nas diversas situações comunicativas. No entanto, a má interpretação dos professores promove a não consideração dessas propostas ou, até pior, o uso errôneo dessas propostas, deixando muitas vezes de ensinar a norma culta, aceitando tudo que o aluno produz, mesmo que não tenha nenhuma relevância para a construção da cidadania.

Com isso, surge o nosso último questionamento, se o professor concorda com alguns professores que têm a concepção de que valorizar a variação linguística significa aceitar tudo que o aluno produz.

*Depende da forma como se prega essa ideia. Pois, valorizar a variação, mas expor também como a norma é importante no trato com a língua e seus usuários, seria a maneira mais correta de se expor esse ponto de vista. Assim, ambas teriam sua importância no processo comunicativo, e não apenas a norma-padrão. Portanto, as variações devem ter seu lugar de destaque, mas a norma padrão, o ensino normativo da Língua deve vir sempre ao lado da forma de expressar-se de cada falante.*

*Professor 2004, sem especialização*

*Não, não concordo com essa teoria. Deve-se levar em consideração o uso da língua e mostrar ao aluno as várias possibilidades de uso/situações dessa língua. E atenta-los para esses diferentes usos, como por exemplo alertar de que o uso da norma culta não se exclui com o uso da variação linguística em sala de aula, a norma culta requer sim sua vez digamos ao redigir uma dissertação.*

*Professor 2004, com especialização*

*Não. Valorizar a variação linguística é mostrar para o aluno que existem variações linguísticas e que (infelizmente) uma mais valorizada que a outra. Que é necessário valorizar o que chamam de “língua Culta” sem desvalorizar o conhecimento de mundo que cada um traz.*

*Professor 2009, com especialização*

Percebemos em nossa pesquisa que os professores os quais responderam os questionários possuem uma postura correta em relação às propostas dos PCN no que se refere à Variação Linguística. No entanto, apesar de não encontrarmos nesta pesquisa, existem professores que o critica dizendo que é impossível a implantação dessas propostas nas salas de aula, no entanto, os mesmos que criticam não fazem nenhum esforço para melhorar a situação da educação no Brasil.

Segundo Santos (2005), é necessário divulgar, discutir e debater as propostas dos PCN, além de sugerir atividades para a implantação das mesmas. Infelizmente, a questão da educação está muito mais séria do que pensamos, professores preferem discutir questões do cotidiano, não que não sejam importantes, que discutir questões voltadas para o ensino. A sala dos professores deixou ser lugar onde questões pedagógicas são discutidas e analisadas para se tornarem lugar de desabafo dos professores.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa possibilitou o conhecimento a respeito dos posicionamentos de alguns professores em relação às propostas dos PCN de Língua Portuguesa. Mesmo assim, sabemos que nossa análise é uma pequena amostra da realidade dos professores em relação aos PCN ao que diz respeito à Variação Linguística, e que para uma análise mais detalhada necessitaria de uma amostra mais ampla. No entanto, este trabalho nos possibilitou as seguintes considerações:

Percebemos que existem algumas críticas referentes aos PCN e até mesmo o uso de suas propostas de forma errônea, que ocorre pelo fato dos professores não procurarem um aperfeiçoamento que contribua para a sua atualização, visto que em muitos casos esse tema não é sequer abordado nos cursos de formação para professores.

Com base nas respostas dos professores podemos concluir que os PCN são documentos de muita importância para o ensino, mas que na maioria das vezes não é posto em prática. Logo, um dos fatores que impede que o mesmo seja posto em prática é o não conhecimento dos PCN ou das teorias que os norteiam, fato que possibilita o seu uso de forma equivocada.

Em relação à Variação Linguística, de acordo com os PCN, esta deve ser respeitada no contexto escolar, o professor deve respeitar as variedades linguísticas presentes na sociedade, mas que isso não o impeça de ensinar aos alunos a forma culta, já que a função da escola é formar cidadãos críticos capazes de viver em uma sociedade, sabendo que nesta existem várias formas de dizer a mesma coisa e que cada situação comunicativa exige uma dessas variedades.

Observando a educação e a forma como os educadores estão agindo diante das várias propostas para a sua melhoria, é imprescindível discussões entre os profissionais da educação em relação às propostas dos PCN para que o mesmo possa cumprir o seu papel de norteador do ensino no Brasil.

#### **Referência:**

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo : Parábula Editorial. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa.* Brasília, DF: MEC, 1998

CÂMARA JR. J. M. **Manual de expressão e escrita.** Petrópolis: Vozes. 1983.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça; RONCARATI, Cláudia. *Crenças de professores e aluno de português de escolas públicas de Juiz de Fora- MG.* In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: Letras, 2008.

FARACO, C. A. **Escrita e Alfabetização.** São Paulo: Contexto. 1994.

GERALDI, J. Wanderley. **O texto na sala de aula.** Cascavel, Assoeste, 1984.

\_\_\_\_\_. **Portos de Passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MARTINS, Iara F. de Melo. Letramento em sala de aula e variação lingüística. In: SILVA, Cmilo Rosa (Org.). **Ensino de Português: demandas teóricas e práticas.** João Pessoa: Ideia, 2007.

MOLICA, Maria Cecília. **Influência da fala na alfabetização.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

ORLANDI. E. P. **A Linguagem e seu funcionamento.** São Paulo: Martins Fontes. 1985.

SANTOS, Leonor Wernek dos. O ensino de língua portuguesa e os PCN. In: PAULIUKONIS, Mari Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática nos 1º e 2º graus.** 5. ed- São Paulo : Cotez, 2000.

WEINREICH, U. et al. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. (eds.). **Directions for historical linguistics.** Austin: University of Texas Press, 1968.